TEATRO E TRADUÇÃO DE TEATRO

vol. II

Monólogos de Enzo Moscato, Isidora Stevenson, Dario Fo e Franca Rame, Stefano Benni e Eurípides

© Relicário Edições
© 1989 and 1997 Giulio Einaudi editore s.p.a., Torino
("Una donna sola" by Dario Fo and Franca Rame)
© 2011, Giangiacomo Feltrinelli Editore, Milão
("Beatrice", by Stefano Benni)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T253

Teatro e tradução de teatro: Monólogos de Enzo Moscato, Isidora Stevenson, Dario Fo e Franca Rame, Stefano Benni e Eurípides / organizado por Anna Palma, Ana Maria Chiarini, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2019.
136 p. ; 14cm x 21cm - (v.2)

Inclui índice.
ISBN: 978-85-66786-94-1

1. Teatro. 2. Monólogos. I. Palma, Anna. II. Chiarini, Ana Maria. III. Barbosa, Tereza Virgínia Ribeiro. IV. Título.

2019-906

CDD 792
CDU 792

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

CONSELHO EDITORIAL
Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM), Ernani Chaves (UFPA), Guilherme Paoliello (UFOP), Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG), Luiz Rohden (UNISINOS), Marco Aurélio Werle (USP), Markus Schäffauer (Universität Hamburg), Patrícia Lavelle (PUC-Rio), Pedro Süssekind (UFF), Ricardo Barbosa (UERJ), Romero Freitas (UFOP), Virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Caroline Gischewski
REVISÃO Silvia P. Barbosa (Letras e Normas)

RELICÁRIO EDIÇÕES
www.relicarioedicoes.com
contato@relicarioedicoes.com

Relicário

GTT Grupo de Tradução de Teatro

TEATRO E TRADUÇÃO DE TEATRO

vol. II

Monólogos de Enzo Moscato, Isidora Stevenson, Dario Fo e Franca Rame, Stefano Benni e Eurípides

7 **PREFÁCIO**
Vocal desnudamento *or my singing striptease*
de Enzo Moscato

15 **ANIVERSÁRIO**
de Enzo Moscato

49 **HILDA PEÑA – HILDA PENHA**
de Isidora Stevenson

85 **UMA MULHER SÓ**
de Dario Fo e Franca Rame

115 **BEATRIZ**
de Stefano Benni

127 **MONÓLOGOS TRÁGICOS – *HÉCUBA* DE EURÍPIDES**

PREFÁCIO

Vocal desnudamento *or my singing striptease*

de Enzo Moscato

Quando tudo falta, quando tudo nos desaponta, quando tudo se mostra como uma derrota irreparável, uma única coisa talvez me reste sempre: a voz.

Para mim, é ela a pequena rocha para a qual bato em retirada diante da visão das águas perigosas de que me salvei.

É ela o meu refúgio, meu esconderijo, a intransponível linha de resistência atrás da qual se resguardam meu corpo e meu espírito, desolados, mas não de todo vencidos.

Naturalmente, a voz pode apresentar-se como um franco lamento ou uma franca alegria – sem justificativas, apoios, enfeites cenográficos – e, então, é o "meu" teatro, a representação, pobre e orgulhosa, livre e audaz, das minhas fantasias ou das minhas recordações, transbordada numa onívora escritura, absolutamente sem patrão.

Ou, então, é o canto em si mesmo – o canto pelo canto –, à capela, ou acompanhado por algum acorde solitário de instrumento, ou ainda excessivamente afogado numa multidão de notas desordenadas...

O importante é que seja respeitado e conservado o princípio do Absoluto a que obedece: não exatamente a palavra, mas um seu duplo, uma sua sombra ou luz, um seu prolongamento ou abreviação, uma sua ausência ou exaltação, uma sua morte ou vida, dependerá de onde irá pousar o som e de que espaço – estreito ou largo, avaro ou generoso – receberá, da boca que o pronuncia e do ouvido que o acolhe!

Mas também ele – o canto pelo canto –, assim como o teatro nu e cru, não tem e não deve ter referências, comprometimentos, cafetinagens, narcisismos, estetismos, finalismos.

É apenas o gesto/sinal de uma retirada, de um subir numa rocha e contemplar, de um conseguir, talvez mais uma vez, escapar de águas perigosas, e agradecer.

A quem? A Deus, talvez. Se tivermos fé. Ou, na falta dele, ao Grande Céu, que, exatamente por ser vazio e livre, recebe o nosso canto como a fumaça que se erguia das oferendas votivas no vale dos maias, dos incas ou dos indianos.

E foi isso que fiz desde sempre, desde o início de minha aventura artística: subir numa rocha e contemplar/cantar. E isso continuarei a fazer enquanto tiver fôlego na garganta que me permita continuar.

Porém, "subir numa rocha", "bater em retirada", não é um ato de orgulho ou de soberba. De maneira alguma.

Olhar para trás e ver a água que atravessamos e agarrar-se à pedra, apoiando-se apenas na própria força/voz, não é um vão não-agir, um salvar-se egoísta a despeito dos outros,

mas coisa totalmente diferente. Ou melhor, tantas outras, e várias coisas juntas:

- Um recolher energia e lançar-se novamente;
- Um refletir – pensar – projetar-se;
- Um afundar (enxuto) um pouco mais em si mesmo, no grande mar desconhecido que temos dentro; e, enfim, experiência mais paradoxal e mais mirabolante de todas: um mover-se – um ir –, um viajar "estando parado"...

Porque cantar é exatamente isto: caminhar na imobilidade, dilatar-se na exiguidade, livrar-se de/em meio a correntes, espalhar-se pelo mundo, livre dos portões e das grades da mais rígida e monástica clausura.

Nada mais que o canto – alma emitida em seu estado puro – permite migrações, deslocamentos, êxodos, nomadismos, peregrinações – linguísticos e estilísticos, étnicos e formais, espaciais e cronológicos –, mesmo permanecendo imóveis onde estamos, no instante/ponto em que forçamos a úvula a expressar-se, a transformar-se de um mero órgão em in-orgânico, de mera carne em fôlego-sopro-espírito-elixir! Ou seja, da pesada física dos corpos ao volátil além escatológico.

"Por que procurar a sua glândula pineal, que não está aqui?" – eu diria, então, ao senhor Descartes. "É aqui, no canto, na úvula, dentro da voz, que se solda a matéria, a *res extensa* com a *res cogitans*. É aqui que o espírito, o pensamento, a abstração, faz liga com os corpos, os tempos, as coisas, os lugares!"

Movimento centrípeto e centrífugo ao mesmo tempo, paroxismo no grau incandescente zero, cantar pode fazer de uma simples estrofe, ou de um refrão, a interminável epopeia do mundo, e vice-versa; ou criar, quando urge, um idioma restrito e local, quase intraduzível para outras ou em outras línguas, quase o esperanto ritmável da imensa *Anima Mundi*, contanto que saibamos, convictos, que o ato de mover as cordas em uma nota não é fim em si mesmo e, necessariamente, não mira apenas na direção do belo e do prazeroso.

Enfim, cantar não é o "bel canto", assim como viver não corresponde (também e forçosamente) sempre a uma vida maravilhosa!

Cantar é, talvez, outra maneira (linda ou feia, linda e feia) de tentar estar no mundo.

Com ou sem frases.

Com ou sem termos e conceitos.

Com ou sem música e instrumentos.

Com palavras, com frases, com termos e conceitos, em geral a alma encobre-se, esconde-se.

Cantando, ao contrário, está nua.

Faz uma espécie de *striptease*.

Lentamente ou com pressa, morosamente ou como um raio, revelar-se num *striptease*!

Tradução do italiano de Ana Maria Chiarini